

ENTREVISTA/ Moreira Franco, Orestes Quércia e Newton Cardoso — Os Caminhos do Brasil

Prioridade é superar a crise econômica

AGOSTINHO VIEIRA, MILTON ROCHA FILHO e M. JO FAGUNDES

As divergências políticas foram esvaziadas, os possíveis interesses eleitorais postos de lado e as diferenças regionais deixaram de ter qualquer importância. Para os Governadores dos três principais Estados brasileiros a prioridade hoje é uma só: superar a profunda crise econômica em que se encontra o País. Para isso, na última segunda-feira eles se reuniram, juntamente com os 19 Governadores, no Palácio do Planalto, dando o apoio ao programa econômico do Presidente José Sarney. Nesta entrevista ao GLOBO, entretanto, fizeram questão de ressaltar: a manutenção do apoio depende, exclusivamente, da vontade política do Governo em executar as medidas propostas.

Quanto aos problemas que devem ser atacados prioritariamente, os três têm idéias diferentes: Moreira quer uma política econômica inteira-



mente nova; Quércia espera ver o déficit-público contido; e Newton elegeu a questão da dívida interna como a mais importante. Todos acham que o Brasil vive um momento novo e que até o FMI, uma espécie de mal suportável, não é mais o mesmo.

Apesar de defenderem firmemente a soberania da Constituinte, a ponto de Moreira Franco afirmar que fora da nova Carta existem apenas trevas, os três Governadores fizeram críticas ao que consideram "equivocos". A fixação da taxa de juros anual em 12 por cento é um deles, assim como a licença-paternidade.

Vários sintomas de xenofobia também foram apontados. Todos acham que no Mundo de hoje não há mais espaço para o isolamento, e Moreira prevê que a volta dos testa-de-ferro, a partir da proibição da exploração do subsolo por empresas estrangeiras. A supressão de vários itens no segundo turno de votação

da Constituinte é defendida por todos, mas Orestes Quercia vai mais longe e anuncia a possível formação de um bloco de Governadores que trabalharia na modificação do texto.

O futuro do PMDB, na opinião dos três Governadores, será definido na Convenção nacional do partido, que se realizará após a promulgação da nova Carta. Enquanto Moreira Franco e Orestes Quercia acreditam que o partido deve optar por uma postura de centro-esquerda, Newton Cardoso defende um perfil centro-reformista. A ameaça de rachar o PMDB feita pelo grupo dissidente ligado ao Senador Mário Covas, não é levada a sério por Orestes Quercia. Moreira acha que todos vão permanecer na legenda, a partir da definição da espinha dorsal do partido. Enquanto Newton acha que a sigla está inchada demais e defende a saída dos radicais de direita e de esquerda.

Do centro para a esquerda, o futuro do PMDB

A Convenção nacional marcará a definição do PMDB, na visão dos três Governadores. Mas, enquanto Moreira Franco e Orestes Quercia acreditam que o partido deva optar por uma postura de centro-esquerda, Newton Cardoso defende um perfil centro-reformista. As receitas para vencer a crise vivida hoje pela legenda também são divergentes. Moreira defende uma "estratégia de inclusão", com espaço para aqueles que hoje ameaçam abandonar o PMDB. Já Newton acha que o partido "não deve ficar do tamanho que está". Orestes Quercia, por sua vez, minimiza a dissidência e não acredita que vá haver defecções significativas.

O GLOBO — Como encara hoje o futuro do PMDB? Quais são as suas exigências a curto prazo em relação ao partido?

MOREIRA — Não tenho exigências. O que eu quero é viver intensamente o processo de afirmação do PMDB como um grande partido nacional, progressista, popular e social-democrata. Para isso, a curtíssimo prazo, é fundamental que se aceite a realidade, que não se agridam os fatos. E o fato mais forte é que o partido vive uma crise doutrinária, ideológica, de espinha dorsal. Não adianta querer resolver esse problema doutrinário com candidatos à Presidência da República ou com manobras meramente eleitorais, porque não é um problema eleitoral. Quando voltei ao Brasil, no final de 1972, depois de dois anos na Europa, o MDB tinha um discurso monócórdio, de crítica ao AI-5. Somente após um grande movimento foi possível incorporar ao discurso do partido o dia-a-dia do povo brasileiro, com questões como a política habitacional, a concentração de renda e a política educacional. Foi um marco na vida do MDB. Hoje, o partido vive problema semelhante, de esgotamento de uma etapa. A transição está concluída e a grande frente democrática já cumpriu sua função. O que precisamos agora é de um partido definido ideologicamente. Se não tomarmos cuidado, vamos perder o bonde. Como na música do Chico Buarque: vamos ficar na janela e ver a banda passar.

QUÉRCIA — O PMDB vai ser muito importante e isso ficará claro na Convenção do partido, logo após a promulgação da nova Carta. Somos o maior partido do Brasil e sofremos na medida em que o Constituinte sofre e que o Governo federal sofre. Mas eu poderia dizer que a situação dos Governadores é boa, de um modo geral. Perante a opinião pública, estamos até muito bem. Quanto às ameaças de dissidência, acho que haverá uma pequena debandada após a votação do mandato do Presidente Sarney, que deverá ser usada como desculpa. Não haverá novo partido, pois as saídas serão muito inferiores ao que tem sido propalado.

NEWTON CARDOSO — Unido

é impossível. Indesejável, sobretudo. O PMDB virou uma frente para ganhar as eleições em 1986. E partido mexicanizado não serve. Ele deve, inclusive, permitir a alternância de poder. O PMDB não deve ficar do tamanho que está. A união deve ser feita pelos Governadores, na sua grande maioria, com homens que têm a mesma língua, um mesmo programa. Este deve ser o maior partido brasileiro, não uma frente.

O GLOBO — O que é preciso para transformar o PMDB?

MOREIRA — A Convenção nacional é o foro adequado para, através de textos, documentos e artigos, buscarmos uma definição para o PMDB. A estratégia deve ser a da unidade pela inclusão, e não pela exclusão. Unidade não é um consenso em torno de todos os pontos. O importante é definir a espinha dorsal do partido e aí ter uma convivência entre uma posição mais atrasada e outra mais avançada. Senão, vira partido sem vigor ideológico, tumulto, e ninguém quer morar em cemitério. Neste quadro confuso brasileiro, a postura deve ser de centro-esquerda, social-democrática. Unindo pela inclusão, ou seja, temos que fazer um esforço enorme para que os companheiros que se estão sentindo sem espaço passem a tê-lo, pois eles são importantíssimos para a vida do partido. Aqui no Rio, conseguimos isso. Unimos pela inclusão. Temos divergências, mas vamos trabalhar na média disso.

QUÉRCIA — Acho que vamos ter de fazer um processo de discussão nacional para definir a tendência majoritária do partido. Eu, particularmente, penso que o PMDB é uma legenda de defesa dos ideais humanistas, dos ideais de direito social, mas um partido de pé no chão. Não é um partido que se leve para a TV. É um partido no sentido de pegar as coisas práticas e levar para a frente.

O PMDB tem a possibilidade de ser esse grande partido político, porque uma coisa é você vender ilusão, falar bobagem, sem saber o que está falando. Outra coisa é realizar. E o nosso País está precisando de trabalho, pois nada resiste ao trabalho.

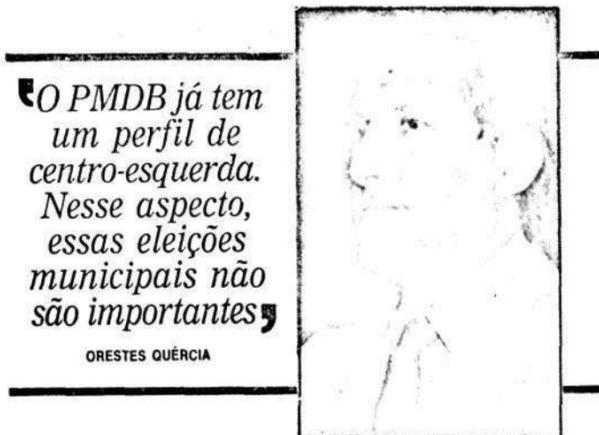
NEWTON CARDOSO — O PMDB cresceu demais, precisa ser depurado. Recebeu segmentos fortes da direita e da esquerda. Fugindo a seu papel histórico, seu ideário, aos estatutos do antigo MDB. Então, para ser respeitável e confiável junto à opinião pública, o PMDB precisa voltar às suas origens. O que o povo conheceu foi a bandeira de lutas do partido. Se nós procurarmos homens com o mesmo pensamento de centro-reformistas que tivemos no passado, cuja bandeira o povo aceitou, nós poderemos restaurar neste País não só a democracia plena como orientar a área econômica.

O GLOBO — A definição do mandato do Presidente Sar-



“Nosso partido vive uma crise doutrinária, que não será resolvida com um candidato à Presidência”

MOREIRA FRANCO



“O PMDB já tem um perfil de centro-esquerda. Nesse aspecto, essas eleições municipais não são importantes”

ORESTES QUÉRCIA



“A união do PMDB é inviável e indesejável. Ele tem gente demais. Partido mexicanizado não adianta”

NEWTON CARDOSO

ney é uma questão prioritária?

MOREIRA — Não. Pela decisão da Constituinte sobre os mandatos dos próximos Presidentes, essa é uma questão resolvida. Foi a maior derrota que eu já tive em política. Eu jamais esperei uma diferença tão vigorosa.

QUÉRCIA — Acho que isso agora está muito mais na emoção, mas considero muito difícil fazer eleição este ano. Temos de esperar a eleição no ano que vem, inclusive em dois turnos. A posse será no dia primeiro de janeiro de 1990, na suposição de que o mandato seja de cinco

anos. Então, você poderia fazer os dois turnos a partir de 1º de agosto ou de setembro. A questão do mandato já é um fato consumado. Tudo indica que darão os cinco anos.

NEWTON CARDOSO — Não é prioritária, porque está resolvida. Já houve manifestação expressiva por parte dos Constituintes em favor dos cinco anos. Será ratificada nos próximos dias.

O GLOBO — Tendo em vista as próximas eleições presidenciais, o PMDB deve:

a) sustentar as atuais alian-

ças; b) tentar novas alianças; c) ou, antes de encarar esta questão, definir claramente o que sejam suas principais bandeiras?

MOREIRA — Em primeiro lugar, é preciso arrumar a casa. Não existe nada que atormente mais o ser humano do que uma crise conjugal. Se o PMDB não conseguir resolver seu problema interno, não terá tranquilidade para conduzir o processo. Sua espinha dorsal é que vai definir o perfil do candidato do partido.

QUÉRCIA — Pode partir para alianças, mas isso depende da variação do momento político, das circunstâncias. Da mesma forma, nas eleições municipais pode ou não haver alianças. Ainda outro dia, li nos jornais que o PFL diz que o Janio quer ser candidato. O certo é que, se o PFL quiser ganhar as eleições na Capital, terá de apoiar nosso candidato. Se quiser perder, apoiará outro. Mas, voltando à sucessão de Sarney, acho muito difícil fazer qualquer tipo de avaliação agora. Depende muito das circunstâncias. Essas coisas de acordo, aliança, ocorrem no momento eleitoral, não agora. Acho que processo eleitoral é impar. Vai acontecer e não posso desenhá-lo agora. Em política, não se pode fazer previsões. Agora, por intuição minha, acho que o PMDB é o partido que tem condições de ganhar a eleição para a Presidência, fazer uma grande consolidação do Brasil e ajudar as nações da América Latina.

NEWTON CARDOSO — O PMDB deve buscar alianças, sim. Sobretudo porque as eleições estão previstas para dois turnos nas grandes cidades brasileiras. Agora, deve tentar as alianças sadias, com o mesmo ideário de suas lutas, conquanto que não sejam alianças espúrias que o povo abominou de maneira fantástica, pelo menos em Minas Gerais. A minha eleição mostrou que as alianças feitas com os outros partidos foram ultrapassadas. Ganhei sozinho em 1986, mas espero ganhar as eleições de 1988 com alianças, desde que estes partidos falem a mesma linguagem do PMDB.

O GLOBO — Na sua opinião, o PMDB tem bandeiras definidas? Quais são? Quais devem ser?

MOREIRA — O partido mostrado, ao longo de sua história, tem um compromisso democrático. Percorremos caminhos tortuosos, mas chegamos lá. Fizemos uma coisa que era absolutamente impossível, que foi passar como passamos por esse período de transição democrática.

QUÉRCIA — Até hoje, o PMDB é um partido de oposição ao regime militar. Quando o regime militar tinha prestígio, o MDB não tinha. Nas eleições de 1970, livres, democráticas, só dava Arena. O País estava num processo econômico muito bom.

Mas aí houve um reverso na questão econômica e o pessoal apoiou o MDB, que era uma porção de pessoas que pensavam diferentemente. Agora, é hora do PMDB se tornar um verdadeiro partido político. É a oportunidade do PMDB. Feita a nova Constituição, estaremos em condições de fazer um partido de centro-esquerda. Ou seja, um grande partido nacional, de pé no chão, sem radicalismos de um lado ou de outro. Existe uma tendência dos Governadores se unirem. Acho que, sem facciosismo, sem paixão, eles vão fazer do PMDB um grande partido nacional, sem dúvida nenhuma. E nisso estarão somando todos os Governadores. Não será uma atitude isolada, de uns poucos, mas do bloco todo.

NEWTON CARDOSO — O PMDB tem hoje o melhor estatuto de partido neste País. Ele fala, sobretudo, da participação dos empregados no lucro, ou seja, a co-gestão. Ele fala na democracia plena, na democracia social. Não podemos mais ser o Estado capitalista puro. Isto está acabando. Hoje o capital é social, moderno e participativo. Enfim, deve ser um partido centro-reformista, por que o povo brasileiro não é de esquerda nem de direita. O povo mineiro, por excelência, é de centro e moderado.

O GLOBO — O que significam, do ponto de vista de definição ideológica do PMDB, as próximas eleições municipais?

MOREIRA — Primeiro, o compromisso de realizar eleições. Se há uma falta de fidelidade total a si mesmo se o partido que prega a democracia, a eleição, dispondo de maioria no Congresso, não quisesse eleição. Esse é um problema ideológico: ganhar ou perder é contingência da luta eleitoral. O Doutor Tancredo dizia: nós temos que ser intransigentes na estratégia, mas absolutamente transigentes na tática. E esse problema de realização de eleições é um problema estratégico, que traduz seu compromisso básico.

QUÉRCIA — Acho que não terá importância alguma. O perfil do PMDB já é de centro-esquerda e deverá continuar como tal. O certo é que o partido no Governo tem de ser fundamentado na realidade, não pode sobreviver com conversa fiada. Hoje, o PMDB é governo e tem condições de agir de forma a consolidar-se com ideais e perspectivas definidos.

NEWTON CARDOSO — O municipalismo, assim como a reforma tributária, são bandeiras do PMDB. Eu entendo que hoje o partido aceita até acordos internacionais, inclusive com o FMI, desde que não venham querer policiar nossa economia nem dar ordens internas em nossos negócios. Nossa economia não será ordenada por fatores externos, exógenos. Por tudo isso, acreditamos que o PMDB é o grande partido da aspiração nacional.